

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO
PATROCÍNIO
Graduação em Fonoaudiologia**

LARISSA HELENA DE PAULA

O CONHECIMENTO DOS PROFESSORES SOBRE A DISLEXIA

**PATROCÍNIO – MG
2018**

LARISSA HELENA DE PAULA

O CONHECIMENTO DOS PROFESSORES SOBRE A DISLEXIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Fonoaudiologia, pelo Centro Universitário do Cerrado Patrocínio.

Orientadora: Prof^ª. Esp^ª. Soraya Pereira Cortes de Almeida.

**PATROCINIO
2018**

FICHA CATALOGRÁFICA

Paula, Larissa Helena

616.855 O conhecimento dos professores sobre a Dislexia/ Larissa Helena
P346c de Paula- Patrocínio-MG: UNICERP, 2018.

Trabalho de conclusão de curso – Centro Universitário do Cerrado
Patrocínio.

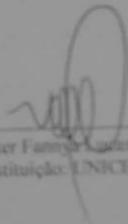
Orientadora: Prof. Esp. Soraya Pereira C. Almeida.

1. Distúrbio 2. Escola 3. Escrita 4. Leitura 5. Linguagem

Trabalho de conclusão de curso intitulado "*O conhecimento dos professores sobre a dislexia*", de autoria da graduanda Larissa Helena de Paula, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Esp. Soraya Pereira Cortes de Almeida – Orientadora
Instituição: UNICERP



Prof. Esp. Ester Fanele Cortes Melo de Deus
Instituição: UNICERP



Prof. Esp. Gabriela Viola Coppe
Instituição: UNICERP

Data de aprovação: 13/12/2018

Patrocínio, 13 de Dezembro de 2018

***DEDICO** este trabalho ao meu avô Abel Esteves Pires (in memoriam), que incondicionalmente sonhou este sonho comigo.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e a Nossa Senhora da Abadia, por ter me capacitado para vencer mais uma etapa de minha vida, houve momentos que nunca imaginava chegar até aqui, enfrentei muitas batalhas e desafios e quatro anos se passaram, conhecimentos foram adquiridos e desafios foram superados. A minha gratidão é enorme Senhor pois neste momento agora tudo vai mudar, as expectativas, as esperanças para uma nova conquista. Como Fonoaudióloga, sei o quanto é importante as pessoas na nossa caminhada; não há profissional capaz de levar a vida isoladamente e é com essa certeza que agradeço a Deus e minha mãezinha da Abadia a quem me ensinou a ter paciência, dedicação, esperança e fé por me protegerem, me guiarem para mais uma conquista realizada em minha vida.

Agradeço aos meus pais Alessandra e Cleone, que estiveram comigo nesta luta, me incentivando, me apoiando a cada minuto.

Ao meu irmão Gabriel que sempre esteve ao meu lado.

A minha prima Luana que sempre me incentivou a não desistir e lutar pelo tão sonhado diploma.

Ao meu namorado Pedro Henrique Batista Ferreira que sempre esteve do meu lado me compreendendo, escutando minhas angustias, medos, me apoiando. E nos momentos de minha ausência dedicados aos estudos sempre me incentivou.

Aos meus sogros que como pais me incentivaram.

Aos meus avós Anterino e Maria Helena que deram um lar, apoio e amor para conseguir chegar até aqui.

Agradeço a Fonoaudiologia pela grande amiga e irmã que aqui eu recebi Juliana que sempre esteve ao meu lado a cada minuto que eu pensava em desistir era você o meu amparo, obrigada pela dedicação, disposição, apoio e amor. Nossa amizade é de grande valor e importância onde levaremos para a vida toda.

Aos meus companheiros de jornada que sempre estiveram ao meu lado é prestaram auxílio incondicional.

A minha orientadora Soraya eu deixo uma palavra de gratidão porque reconheço a paciência e o esforço, pois sem você não seria possível chegar até aqui. Tenho muito orgulho de ter você aqui comigo neste trabalho tão lindo e obrigada por contribuir para o meu conhecimento.

Aos professores em especial Marlice Fernandes, pois reconheço o esforço gigante com muita paciência e sabedoria, contribui para que cada monografia fosse entregue, a cada pedido você dizia, vem aqui vou te ajudar, obrigada você é e sempre será a melhor coordenadora. Aos professores pois eles que nos deram ferramentas e recursos para evoluir e apreender, deixou o meu muito obrigada.

Agradeço a professora Vanessa Veis Ribeiro pela dedicação e esforço para que este trabalho fosse finalizado e por nos transmitir um pouco de sua bagagem no pequeno tempo que convivemos juntas, obrigada por contribuir para o meu aprendizado com futura Fonoaudióloga.

Enfim, a todos que de forma direta ou indiretamente contribuíram para que esse trabalho fosse finalizado.

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça a quase totalidade não sente esta sede.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Introdução: A Dislexia é um transtorno específico da linguagem, caracterizado por dificuldades na fluência de leitura, na decodificação, codificação, soletração, ortografia, na compreensão de palavras e déficit no processamento fonológico da linguagem. Possui origem neurobiológica. É importante buscar compreender qual é o nível de conhecimento dos professores de Ensino Fundamental I sobre a Dislexia, pois este embasamento poderá fazer a diferença na vida dos disléxicos, levando-os ao diagnóstico e a uma intervenção precoce.

Objetivo: Caracterizar e comparar o conhecimento de professores de diferentes redes e localidades de ensino sobre a Dislexia. **Material e Métodos:** Estudo do tipo transversal e descritivo o qual foi iniciado após a obtenção da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP. Foram escolhidas três escolas sendo uma da rede privada (urbana) – G1 e duas da rede pública, uma urbana – G2 e a outra rural – G3. Todas situadas na cidade de Patrocínio-MG. Participaram do presente estudo 24 professoras do Ensino Fundamental I. Para coleta de dados foi aplicado um questionário adaptado de 8 perguntas sobre o tema Dislexia. **Resultados:** Na análise dos resultados as professoras revelaram conhecer o termo Dislexia porém não demonstraram conhecimento adequado sobre o tema: Neste estudo foi possível observar que houve maior proporção de respostas corretas para as escolas do (G1-PR-UR) e (G2-PU-UR), mas que apesar disso, segundo a análise estatística, a diferença apontada não foi suficiente para determinar discrepâncias de conhecimento entre as escolas, o que permite inferir que de modo geral os conhecimentos e suas falhas são semelhantes entre os indivíduos da amostra. **Conclusões:** A análise estatística não constatou diferenças de conhecimento sobre os fatores de risco, causas e características da Dislexia entre professores das três localidades de ensino pesquisadas, mas foi possível observar que em todas instituições os docentes apresentaram falhas e distorções de conhecimento. No entanto os educadores são cientes que alunos disléxicos podem ser excelentes em outras áreas, mas que também podem desenvolver problemas emocionais, sociais em função da baixa autoestima relacionadas ao desempenho escolar.

Palavras-chave: Distúrbio. Escola. Escrita. Leitura. Linguagem.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Para você professor o que é Dislexia?.....	33
.....	
Gráfico 2 - Qual é a causa da Dislexia?.....	35
.....	
Gráfico 3 - Professor considera evolução de leitura e escrita em alunos com Dislexia? Se sim quais fatores colaboram para que essa evolução acontecesse.....	36
Gráfico 4 - Quais são as características da Dislexia.....	38
.....	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Análise descritiva da variável idade.....	30
Tabela 2 -	Análise da proporção das variáveis sexo, formação e tempo de serviço, por escola.....	30
Tabela 3 -	Análise da comparação da variável idade entre as escolas.....	31
Tabela 4 -	Análise da proporção das variáveis respostas para as perguntas dois e três.....	33
Tabela 5 -	Análise da proporção das variáveis respostas para as perguntas seis e sete por escola.....	37
Tabela 6 -	Análise descritiva das categorias de resposta para a pergunta oito do questionário sobre Dislexia.....	39

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ABD	Associação Brasileira de Dislexia
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
DA	Dificuldades de Aprendizagem
DAE	Dificuldade de Aprendizado Específicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais
LBD	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
MG	Minas Gerais
TA	Transtorno de Aprendizagem
TAB.	Tabela
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
SNC	Sistema Nervoso Central
G1-PR-UR	Rede Privada (urbana)
G2-PU-UR	Rede Pública (urbana)
G3-PU-RU	Rede Pública (rural)
BNCC	Base Nacional Comum Curricular

LISTA DE SÍMBOLOS

<	Menor
%	porcentagem
DP	desvio-padrão
N	número
1Q	primeiro quartil
3Q	terceiro quartil

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OBJETIVOS	23
2.1	Objetivo geral.....	23
2.2	Objetivos específicos.....	23
3	DESENVOLVIMENTO	24
3.1	INTRODUÇÃO	25
3.2	MATERIAL E MÉTODOS	27
3.2.1	Tipo de pesquisa.....	27
3.2.2	Cenário da pesquisa.....	27
3.2.3	Participantes da pesquisa.....	28
3.2.4	Técnica de coleta de dados.....	28
3.2.5	Procedimento de análise de dados.....	29
3.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
3.4	CONCLUSÃO	39
3.5	REFERÊNCIAS	40
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
5	CONCLUSÃO	43
6	REFERÊNCIAS	44
	APÊNDICES	46
	ANEXOS	50

1 INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) é a lei que dispõe sobre o Ensino Educacional, privado ou público, no Brasil, incluindo a Educação Básica até o Ensino Superior (BRASIL, 1996). A LDB confirma o direito à educação, assegurado pela Constituição Federal (BRASIL, 1988; BRASIL, 1996).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a LDB 9.394/96, em 2006, divide o ensino brasileiro em três níveis: a Educação Básica e o Ensino Superior. A Educação Básica é composta por: Educação Infantil que corresponde (de 0 e 5 anos), é gratuita e obrigatória; Ensino Fundamental o qual abrange os anos iniciais (do 1º ao 5º ano) e anos finais (do 6º ao 9º ano), é obrigatório e gratuito para crianças e jovens; Ensino Médio que se refere ao antigo 2º grau (do 1º ao 3º ano) (BRASIL, 1996; Brasil, 2006, BNCC, 2018).

O Ensino Superior: É de atribuição da União, sendo oferecido pelos Estados e Municípios. A União deve autorizar e fiscalizar as instituições privadas de ensino superior (PACIEVITCH, 2018).

No que se refere ao Ensino Fundamental, este foi instituído com ampliação para conclusão em um período de nove anos no dia 6 de fevereiro de 2006, de acordo com a lei (Nº 11.274), com abrangência dos anos iniciais e finais. A criança deve entrar no 1º ano com 6 anos de idade e concluir o 9º ano aos 14 anos de idade (BRASIL, 2006; BRASIL, 2009a).

Segundo a lei (Nº 10.172/2001), o objetivo da extensão do Ensino Fundamental para nove anos, com inserção das crianças de seis anos de idade, tem por objetivo assegurar que ao ingressar mais cedo, as crianças terão a possibilidade de dominar um nível maior de escolaridade (BRASIL, 2001; BRASIL, 2009b).

O Ensino Fundamental tem por finalidade desenvolver as capacidades de aprendizado dos estudantes, para que possam ter o domínio da escrita e leitura e do cálculo matemático (BRASIL, 2009).

Pesquisas já realizadas, mostraram que maior parte dos alunos brasileiros estão matriculados na educação básica, em escolas públicas. No total de estudantes, 73,5% frequentaram escola pública e 26,5% rede privada. Estes dados demonstram que a cobertura da educação básica está predominantemente na rede pública (CAMPOS, 2017).

O Ensino Fundamental chega as escolas públicas, envolvendo parâmetros curriculares de ensino, com conteúdos que abrangem as competências básicas do nível de ensino que os alunos necessitam alcançar ao final de nove anos de escolaridade (MOURÃO; ESTEVES, 2013).

Para verificar a gama de conhecimento alcançada pelos alunos do Ensino Fundamental, o governo promove por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas - INEP, avaliações externas anuais, as quais tem demonstrado resultados insatisfatórios dos estudantes brasileiros, comparado com avaliações internacionais. Este dado representa o atraso da educação no Brasil, sendo um fator que contribui para evasão escolar (MOURÃO; ESTEVES, 2013).

Mediante a esta situação, equipes de apoio são formadas nas escolas para colaborar com o aprendizado dos discentes, como parte complementar na formação escolar. Os professores planejam os grupos de apoio para estudantes que apresentam alguma dificuldade, com o objetivo de melhorar o ensino na sala de aula. Os grupos têm como princípio, utilizar maneiras diversificadas de proporcionar aprendizado, este espaço serve para minimizar o insucesso escolar, ao passo, que os alunos sejam recebidos e acolhidos em suas adversidades e necessidades não desistindo de aprender (MASSUCATO; MAYRINK, 2015).

Para que as modificações no contexto escolar possam surgir é necessário que se tenham condições para assegurar o ensino a estes alunos. A organização deste método depende da escola, dos funcionários, da rotina de trabalho, do coordenador para estabelecer e garantir junto aos professores substitutos a criação de um sistema de apoio que considere uma definição de conteúdos a serem trabalhados com os estudantes, e as avaliações, além dos critérios de seleção dos alunos para compor os grupos (MASSUCATO; MAYRINK, 2015).

Dentre os profissionais que podem estar inseridos no contexto escolar para contribuir com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos está o Fonoaudiólogo. Sua profissão foi reconhecida em todo território nacional a partir da lei N 6.965, DE DEZEMBRO DE 1981, a qual dimensiona a atuação do Fonoaudiólogo (BRASIL, 1981).

Parágrafo único. Fonoaudiólogo é o profissional, com graduação plena em Fonoaudiologia, que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológicas na área da comunicação oral e escrita, voz e audição, bem como em aperfeiçoamento dos padrões da fala e da voz (BRASIL, 1981, p. 1).

A fonoaudiologia desde sua aparição esteve relacionada com a educação, seu marco inicial ocorreu na década de 20, porém, apenas na década 60 foi que os primeiros cursos começaram a aparecer no Brasil. Na década de 70 é que representantes da profissão buscaram

o reconhecimento e a legalização de seus cursos, a definição e aumento do campo de trabalho do Fonoaudiólogo conquistando mais espaços de atuação, sendo a escola um deles (SIQUEIRA; MONTEIRO, 2006).

No entanto na década de 70, o Fonoaudiólogo escolar tinha como principais atribuições, diagnosticar e tratar os alunos com alguma alteração de linguagem dentro das escolas. Apresentavam então uma prática bastante técnica na reabilitação das alterações. A partir da década de 80 começou haver mudanças na atuação da profissão do Fonoaudiólogo dentro das escolas, não estando apenas voltado para identificar as alterações e corrigi-las, mas sim, para realizar ações de prevenção, ao aparecimento e piora das alterações encontradas, iniciando um trabalho preventivo e menos terapêutico. Seu foco de atuação passou ser voltado para identificação das crianças com qualquer alteração dentro da escola encaminhando-as para a clínica (SIQUEIRA; MONTEIRO, 2006).

Contudo, o trabalho deste profissional mesmo que direcionado para a prevenção, se afastava dos objetivos pedagógicos nas instituições escolares, nos quais as discussões prosseguiam alinhadas a um pensamento em que o Fonoaudiólogo não deveria somente realizar triagens e encaminhar os alunos para um atendimento especializado, mas também, que pudesse se empenhar para que esses problemas não se instalassem nos educandos. No entanto, mesmo traçando mais intervenções coletivas, do que particulares, atuando sobre os professores e não sobre os alunos, o Fonoaudiólogo corria o risco de fazer da escola um local de detecção de doenças a partir das instruções aos professores, capacitando-os a descobrir e encaminhar crianças com algum tipo de alteração (SIQUEIRA; MONTEIRO, 2006).

Desta forma chegou-se à conclusão que o Fonoaudiólogo ao invés de se aproximar da área educacional explorando suas competências dentro da escola, se afastou e voltou-se para atuação clínica, relegando as relações de ensino e aprendizado estabelecidas no interior da instituição escolar. A trajetória das ações do Fonoaudiólogo na escola fez e faz parte da construção da ideia restrita que os educadores têm sobre a intervenção fonoaudiológica na escola, o que contribui para uma imagem marcada pela prática direcionada à realização de encaminhamentos dos alunos com alguma alteração (SIQUEIRA; MONTEIRO, 2006).

A inserção da Fonoaudiologia na escola vem da resolução 387/10 (BRASIL, 2010), que designa competências e atribuições da profissão de especialista em Fonoaudiologia Educacional, com vistas a promoção de ações educativas, informativas e formativas. Estas ações institucionais integram a prevenção, promoção, o diagnóstico e a intervenção de forma conjunta ao planejamento educacional, e também, é caracterizada pela realização de

encaminhamentos extraescolares, colaborando para as condições necessárias a efetuação da aprendizagem (SISTEMA DE CONSELHOS FEDERAL E REGIONAIS DE FONOAUDIOLOGIA, 2016).

O Fonoaudiólogo ainda participa de ações ligadas ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), ao incentivar e orientar os professores, familiares para utilização de materiais, recursos e técnicas, que possam favorecer o acesso da comunicação aos alunos que precisem de terapia fonoaudiológica, colaborando para a educação, no que se refere a melhoria das condições de linguagem, aprendizagem e por conseguinte, perseverança escolar (SISTEMA DE CONSELHOS FEDERAL E REGIONAIS DE FONOAUDIOLOGIA, 2016).

A Fonoaudiologia Educacional é uma das áreas de atuação do Fonoaudiólogo, na qual, é possível trabalhar em secretarias estaduais e municipais de educação, escolas de rede pública e rede privada e em sistemas de ensino, com ênfase na atuação e no estudo da promoção da educação, em todas as modalidades e níveis de aprendizado. O Fonoaudiólogo Educacional tem como atribuição, servir assessoria fonoaudiológica e dar suporte a equipe escolar com vista a promover condutas que proporcionem um trabalho com os alunos que apresentam algum tipo de dificuldade ou não nas áreas de voz, audição e linguagem oral e escrita. Desempenhar junto as equipes escolares, ações educativas de saúde que proporcionem o desenvolvimento das crianças e que auxiliem no levantamento de necessidades da instituição educacional; trabalhar com equipe pedagógica, de apoio e professores na discussão, elaboração e planejamento de ações para a melhoria da educação (SISTEMA DE CONSELHOS FEDERAL E REGIONAIS DE FONOAUDIOLOGIA, 2015).

Em pleno século XXI, o papel do Fonoaudiólogo na escola não é apenas levantar dados, triar, evidenciar ou buscar problemas, a proposta é quebrar paradigmas e enfrentar os problemas educacionais de outro modo. O Fonoaudiólogo deve atuar na promoção do ensino e não somente na promoção da saúde, a atuação deve ter ênfase nas questões educacionais (SISTEMA DE CONSELHOS FEDERAL E REGIONAIS DE FONOAUDIOLOGIA, 2015).

A importância dada aos problemas e dificuldades relacionadas ao ensino, vem aumentando significativamente na atualidade. Em grande parte, as Dificuldades de Aprendizagens (DA) correspondem a um termo global que compreende um conjunto heterogêneo de dificuldades que interferem nas capacidades e expectativas do aluno de assimilar e aprender conteúdos com preservação de suas condições neurológicas. As DA são ocasionadas por problemas que o aluno enfrenta na família ou na escola, além de alterações

psicológicas, baixa autoestima e falta de motivação que culminem em dificuldades em qualquer matéria ou em qualquer instante da vida (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2016).

Já os Transtornos de Aprendizagem (TA) são designados como dificuldades específicas, que resultam em anormalidades no funcionamento do Sistema Nervoso Central (SNC). Os transtornos de aprendizagem são caracterizados por inabilidade de escrita, leitura e matemática, com os quais o aluno demonstra resultados abaixo do esperado para seu grau de evolução de escolaridade e competência intelectual (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2016).

Os indivíduos acometidos por problemas de aprendizagem são afetados de diversos modos, pois, a apropriação da leitura e escrita é uma condição fundamental para o avanço da escolaridade e também por servir como instrumento importante para dar suporte às aquisições de conhecimento e habilitar o indivíduo a se comunicar e ler o seu mundo externo e interno (COSTA, 2011).

Desta forma, os problemas de escrita e leitura se apresentam através das dificuldades no aprendizado e na evolução da linguagem escrita dos alunos caracterizados por déficits de decodificação fonológica e na compreensão da linguagem escrita e oral. Estas alterações começam a surgir durante os anos da pré-escola, apresentando sinais como dificuldades na linguagem: vocabulário restrito, defasagens sintáticas e problemas no processo fonológico (COSTA, 2011).

Ao que se refere aos problemas de leitura, estes se associam a uma falha no reconhecer e compreender o que está escrito. Nas dificuldades encontradas na escrita, podemos observar inversão, confusão, substituição de letras, transposição de grafemas, problemas na conversão símbolo-som, lentidão na percepção visual, sílabas alteradas devido a ordenação (COSTA, 2011).

Os (TA) possuem explicação, etiologia e individualidades específicas. Podem ser citadas algumas como: Disortográfica, Disgrafia, Discalculia e Dislexia (COELHO, 2013).

Disortográfica: Termo que significa “dis” (desvio) “orto” (correto) “grafia” (escrita), manifesta-se através de dificuldades e erros na escrita dos escolares, mas, na grafia, não se encontra alterações, porque uma criança disortográfica, não necessariamente é disgrafia (COELHO, 2013).

Disgrafia: Advém de significados “dis” (desvio) “grafia” (escrita), é considerada como uma dificuldade relacionada com grafia ou traçado. Refere-se a um prejuízo na codificação da escrita, por problemas na execução da grafia. A escrita das palavras apresenta-se desviada,

comparada com a escrita normal e padrão, contendo letras poucas diferenciadas, dificuldade na caligrafia, traçado mal elaborado e desproporcionais, (“letra feia”) (COELHO, 2013).

Discalculia: Termo que significa “dis” (desvio), “calculare” (calcular) é uma dificuldade no aprendizado das competências matemáticas prejudicando as habilidades de uma criança entender e operar cálculos matemáticos (COELHO, 2013).

Dislexia: A palavra Dislexia é derivada de “dis”= distúrbio e “lexia” que, em grego, quer dizer linguagem e, em latim, leitura. A Dislexia é um transtorno específico de aprendizagem de leitura. O disléxico apresenta dificuldades na fluência, no reconhecimento de palavras e baixa capacidade de decodificação e de soletração, problemas na compreensão do que foi lido é tendem a ser mais lentos e confusos para nomear figuras, além de apresentarem dificuldades em ortografia (PIMENTA, 2012).

Segundo a autora Silva (2009), a Dislexia pode ser caracterizada por problemas na linguagem expressiva e receptiva escrita ou oral. Estas dificuldades aparecem na leitura, escrita, soletração, ortografia, fala, compreensão da palavra e em matemática. Esta autora classifica a Dislexia referente aos subtipos: Dislexia Disfonética: definida por problemas na decodificação oral de palavras não familiarizadas que se encontra na conversão letra-som, sendo associada a uma perturbação do lóbulo temporal; e Dislexia Diseidética: a qual causa dificuldades na leitura associado a um problema de ordem no processamento visual. A criança faz uma leitura através de um método criado pela análise e síntese fonética, este tipo de Dislexia está associado às disfunções do lobo occipital e há ainda a Dislexia Mista: que envolve os dois subtipos de Dislexia: disfonética e diseidética.

Já Costa et al. (2013) classifica a Dislexia em três subtipos: a acústica: definida pela dificuldade em diferenciar a parte fonética e sonora; a visual: a qual é definida pela imprecisão da coordenação viso-espacial, e a motriz: que se refere as dificuldades no movimento ocular.

As crianças disléxicas apresentam um rendimento escolar abaixo do esperado, em relação a sua idade cronológica e escolaridade. O estudante pode apresentar a autoestima abalada por se sentir incapaz e inferior aos seus colegas, pois, não consegue ter a mesma facilidade para realizar a leitura de um texto, encontrando-se desmotivado e com perda de interesse por apreender a ler. Devido a este comportamento, tais indivíduos são considerados inadequadamente como crianças preguiçosas e desatentas. Estas situações contribuem consideravelmente para o fracasso escolar (NASCIMENTO; ROSAL; QUEIROGA, 2018).

A Dislexia quando identificada precocemente possibilitará a escola e a família oferecer mais oportunidades em ajudar as crianças acometidas em suas dificuldades, mas, para que isso

aconteça é importante que o educador fique com um olhar mais atento para com os alunos no processo do aprendizado da leitura e escrita (NASCIMENTO; ROSAL; QUEIROGA, 2018).

A alfabetização é um período da escolaridade que exige competência do educador, ele deve ser capaz de pensar nas dificuldades práticas, assim como estar apto para compreender os distúrbios de aprendizagem (NASCIMENTO; ROSAL; QUEIROGA, 2018).

Não cabe ao educador realizar diagnóstico dos distúrbios de aprendizagem, porém, os professores devem ter conhecimento sobre a Dislexia, pois, são eles que assumem a grande importância para o pré-diagnóstico, encaminhando o aluno para uma avaliação multidisciplinar (NASCIMENTO; ROSAL; QUEIROGA, 2018).

Visto a importância do pré-diagnóstico, se torna necessário que os educadores saibam a respeito das características que ajudam na identificação dos sinais da Dislexia. (NASCIMENTO; ROSAL; QUEIROGA, 2018).

De acordo com as autoras Fukuda e Capellini (2011) existem sinais de risco para a Dislexia e estes são relevados durante o desempenho de atividades em sala de aula. São considerados sinais sugestivos à suspeita de Dislexia: Dificuldades fonológica; Léxico reduzido; Dificuldades em aprender o nome das letras e os sons de cada letra do alfabeto; Dificuldades em processar os sons das letras e palavras; Dificuldades para lembrar dos números e letras em sequência; Problemas em entender instruções; Problemas em lembrar de histórias; Confusão entre direita e esquerda, em cima e em baixo; Dificuldades em associar palavras e o seu conceito.

Para que o diagnóstico seja correto, este deve ser feito por uma equipe multidisciplinar, e entre os componentes da equipe devem estar: Fonoaudiólogos, Psicólogos, Psicopedagogos, Oftalmologistas e Neurologistas. Cada profissional na sua respectiva atuação deve utilizar os métodos possíveis para que de maneira eficaz, todas as avaliações se unam e se comprometam a oferecer um diagnóstico preciso (FRANCESCHINI et al., 2015; PIMENTA, 2012).

Mediante a este contexto o professor tem um papel fundamental na vida do escolar com dislexia, pois é o professor que fará a sondagem deste aluno o encaminhando para uma avaliação, para que o diagnóstico seja realizado pelos profissionais capacitados e o mais precocemente. As atitudes, concepções e esclarecimento sobre a dislexia são de grande importância para o pré-diagnóstico, encaminhamento e intervenção. As intervenções no ambiente escolar são importantes. Os educadores deveriam ser orientados sobre os conhecimentos das necessidades especiais de cada aluno para elaborarem estratégias de ensino e avaliação dos conhecimentos (COSTA et al., 2013).

É importante que o educador oriente os pais de forma a auxiliar o trabalho pedagógico para dar assistência à criança com Dislexia. O processo de intervenção dependerá do apoio da escola, pois, é neste ambiente que a criança passa grande parte de seu tempo. As terapias com especialistas são essenciais e necessárias para evolução da criança, porém, trata-se de um trabalho de parceria entre família, escola e terapeutas (RODRIGUES; CIASCA, 2016).

Fica evidente nos estudos de costa et al., (2013) o quanto é necessário o conhecimento dos professores sobre a dislexia para que os educandos disléxicos tenham cada vez mais acesso a um diagnóstico precoce e sejam atendidos em seu processo de escolarização conforme suas necessidades. Este trabalho busca caracterizar o conhecimento dos professores a respeito desse tema.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Caracterizar e comparar o conhecimento que os professores possuem sobre a Dislexia entre diferentes escolas.

2.2 Objetivos específicos

- Verificar e analisar se os professores identificam as características e causas da Dislexia.
- Constatar se os professores consideram possibilidades de evolução da linguagem escrita nos quadros de Dislexia.

3 DESENVOLVIMENTO

O CONHECIMENTO DOS PROFESSORES SOBRE A DISLEXIA

LARISSA HELENA DE PAULA¹

SORAYA PEREIRA CORTES DE ALMEIDA²

RESUMO

Introdução: A Dislexia é um transtorno específico da linguagem, caracterizado por dificuldades na fluência de leitura, na decodificação, codificação, soletração, ortografia, na compreensão leitora de palavras e déficit no processamento fonológico da linguagem. **Objetivo:** Caracterizar e comparar o conhecimento de professores de diferentes redes de ensino sobre a Dislexia. **Material e Métodos:** Estudo do tipo transversal e descritivo. Participaram do presente estudo 24 professoras do Ensino Fundamental I. Para coleta de dados foi aplicado um questionário adaptado de 8 perguntas sobre Dislexia. **Resultados:** Na análise dos resultados as professoras revelaram conhecer o termo Dislexia porém não demonstraram conhecimento adequado sobre o tema: Neste estudo foi possível observar que houve maior proporção de respostas corretas para as escolas do G1-PR-UR e G2-PU-UR, mas que apesar disso, na análise estatística, a diferença apontada não foi suficiente para determinar discrepâncias de conhecimento entre as escolas, o que permite inferir que de modo geral os conhecimentos e suas falhas são semelhantes entre as entrevistadas. **Conclusões:** A análise estatística não constatou diferenças de conhecimento sobre os fatores de risco, causas e características da Dislexia entre os professores das três localidades de ensino, e ainda foi possível observar que em todas instituições, os docentes não foram unânimes em demonstrar conhecimentos apropriados aos assuntos relacionados a Dislexia. E que entre os julgamentos apresentaram distorções e desconhecimento sobre o tema pesquisado. No entanto os educadores são cientes que alunos disléxicos podem ser excelentes em outras áreas, mas que também podem desenvolver problemas emocionais, sociais em função da baixa autoestima relacionadas ao desempenho escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Distúrbio. Escola. Escrita. Leitura. Linguagem.

¹Graduanda em Fonoaudiologia pelo Centro Universitário do Cerrado Patrocínio – UNICERP, Patrocínio-MG, Brasil. Endereço eletrônico: larissahelena70@hotmail.com

²Especialista em Educação Inclusiva pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci; Docente no Centro Universitário do Cerrado Patrocínio – UNICERP, Patrocínio-MG, Brasil. Endereço eletrônico: soraya.pereira87@gmail.com

*Endereço para correspondência: Departamento de Fonoaudiologia, Centro Universitário do Cerrado Patrocínio – UNICERP, Av. Lúcia Terezinha Lassi Capuano, 466 - Chácara das Rosas, Patrocínio - MG, Brasil, CEP 38740-000

KNOWLEDGE OF TEACHERS ABOUT DYSLEXIA

ABSTRACT

Introduction: Dyslexia is a specific language disorder, characterized by difficulties in reading fluency, decoding, coding, spelling, word comprehension and language processing deficit. **Objective:** To characterize and compare the knowledge of teachers of different teaching networks about Dyslexia. **Material and Methods:** Cross-sectional and descriptive study. Twenty-four female teachers participated in the present study. A questionnaire adapted from 8 questions about Dyslexia was used to collect data. **Results:** In the analysis of the results, the teachers revealed that they knew the term Dyslexia, but did not demonstrate adequate knowledge about the subject: In this study it was possible to observe that there was a greater proportion of correct answers for the (G1-PR-UR) and (G2-PU -UR), but despite that, in the statistical analysis, the difference pointed out was not enough to determine knowledge discrepancies between schools, which allows to infer that in general the knowledge and its failures are similar between the interviewed ones. **Conclusions:** The statistical analysis did not find differences in knowledge about the risk factors, causes and characteristics of Dyslexia among teachers in the three teaching locations, and it was also possible to observe that in all institutions teachers were not unanimous in demonstrating knowledge appropriate to the subjects related to Dyslexia. And that among the judgments presented distortions and ignorance about the subject searched. However educators are aware that dyslexic students may be excellent in other areas but may also develop emotional, social problems due to low self-esteem related to school performance.

KEYWORDS: Disorder. School. Writing. Reading. Language.

3.1 INTRODUÇÃO

Ao entrar na escola, a expectativa que professores e pais possuem, é que a criança apreenda a escrever e ler, pois, são as capacidades cognitivas mais valorizadas no processo de aprendizagem. Ao aprender a ler, a criança descobre um dos saberes mais importantes, pois, a leitura é a chave que abrirá outros saberes (TELES, 2004; PIMENTA, 2012).

Aquisição da escrita e da leitura são processos linguísticos. Aprender a ler, embora seja uma tarefa difícil, é relativamente fácil para alguns alunos. Existem ainda alunos que encontram dificuldades de aprendizagem significativas, mesmo possuindo um nível de inteligência acima da média (TELES, 2004).

O conceito de Dislexia é derivado de “dis” = distúrbio e “lexia” que, em grego, quer dizer linguagem e, em latim, leitura. A Dislexia é um transtorno específico de aprendizagem de leitura, de origem neurológica. O disléxico apresenta dificuldades na fluência, no reconhecimento de palavras e baixa capacidade de decodificação e de soletração, problemas na

compreensão do que foi lido e tendem a ser mais lentos e confusos para nomear imagens, além de apresentarem dificuldades em ortografia (SILVA, 2009; PIMENTA, 2012).

A etiologia da Dislexia é multifatorial, ainda não está plenamente esclarecida, há estudos com neuroimagem mostrando diferenças no desenvolvimento e funcionamento do cérebro. Também há um forte indício da presença de componente genético, há estudos que relatam que mais de 50% das crianças com Dislexia tem irmãos ou pais com o mesmo distúrbio (RODRIGUES; CIASCA, 2016).

Historicamente, houve uma evolução no âmbito educacional, mas, ainda é perceptível a dificuldade em lidar adequadamente com a Dislexia, especialmente no ambiente escolar. Como consequência, de um lado estão os professores que se sentem decepcionados e impotentes por não saberem como manejar esses alunos especiais em seus processos de aprendizagem, e por outro lado, discentes, que vivem o constante sentimento de fracasso em seu desenvolvimento escolar (RODRIGUES; CIASCA, 2016).

Há necessidade de que os profissionais da educação adotem uma nova visão em relação ao processo ensino das crianças com dificuldades na escrita e leitura, secundárias ou não à Dislexia. O professor deve ser capaz de reconhecer precocemente as crianças que não estão evoluindo conforme o esperado, avaliar a existência de fatores de risco para o transtorno entre seus alunos e elaborar e executar um trabalho que considere as dificuldades encontradas (RODRIGUES; CIASCA, 2016).

Os disléxicos não diagnosticados precocemente sofrem durante a vida escolar. Alguns disléxicos não conseguem nomear as letras e nem relacionar som a letra. Muitos são chamados de preguiçosos e desatentos, por não conseguirem ler um texto simples em voz alta. Nessa direção, o apoio familiar e escolar é essencial para que o disléxico não sofra ainda mais o sentimento de incapacidade gerado na aquisição da linguagem escrita (MACHADO; ALVES, 2015).

O educador tem um papel fundamental na vida escolar do aluno com Dislexia, pois, é ele que fará a sondagem deste aluno, encaminhando-o para uma avaliação, a fim de que o diagnóstico seja realizado pelos profissionais capacitados o mais precocemente. As concepções, atitudes, e esclarecimento sobre a Dislexia são de grande importância para o pré-diagnóstico. Os educadores deveriam ser orientados sobre os conhecimentos e necessidades especiais de cada aluno para elaborarem estratégias de ensino e métodos apropriados as diversidades dos modos de aprendizagem de seus alunos (COSTA et al., 2013).

Desta forma, o conhecimento que os professores têm a respeito da Dislexia é fundamental para a identificação precoce dos sintomas e sinais. Todo aluno disléxico necessita de atendimento especializado, incentivo, equilíbrio emocional e educação apropriada (PIMENTA, 2012; NASCIMENTO; ROSAL; QUEIROGA, 2018).

3.2 MATERIAL E MÉTODOS

3.2.1 Tipo de pesquisa

O presente trabalho tratou-se de um estudo transversal e descritivo.

3.2.2 Cenário da pesquisa

Os participantes foram recrutados no município de Patrocínio-MG, município este localizado na Mesorregião Alto Paranaíba e na Microrregião que tem o seu próprio nome. De acordo com o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, Patrocínio possuía 82.471 habitantes, sendo que 72.758 têm residência na cidade sede e o restante, 9.713, tem residência na zona rural. Ainda segundo o IBGE, a população estimada em 2014 é de 87.928 habitantes. Seu território abrange 40 comunidades, e os principais povoados são: Tejuco, Martins, Dourados, Boa Vista, Santo Antônio do Quebranzol, Pedros, Macaúbas de Baixo e Macaúbas de Cima, São Benedito, Chapadão de Ferro (PREFEITURA MUNICIPAL DE PATROCÍNIO, 2017).

Foram selecionadas três escolas, duas de rede pública (uma rural e a outra urbana) e uma de rede privada (urbana). A escolha destas escolas partiu do princípio de diferentes realidades sociais e dentre todas, foram escolhidas estas devido a facilidade de acesso e receptividade dos membros da escola.

A Escola Municipal Dona Mulata, está localizada na rua João Carlos da Silva, número 153 no bairro Cidade Jardim, Patrocínio – MG, telefone (34) 3831-2816, CEP 38747-066. A escola possui oito salas de aula, sala dos professores, sala da diretoria, laboratório de informática, cozinha, biblioteca, banheiro e um pátio descoberto (BRASIL, 2017).

O Colégio Berlaar Nossa Senhora do Patrocínio, está localizado na Praça Monsenhor Tiago, 403 – Centro Patrocínio – MG, telefone: (34) 3831-3150, CEP 38 740-112. A escola contém salas de aula, salão nobre, anfiteatro e salas para projeções e multimídia, capela,

laboratórios de informática e ciências, quadra coberta, área de lazer com piscina, biblioteca, cantina com área para alimentação, pátio interno e externo (REDE BELAR DE EDUCAÇÃO, 2018).

A Escola Municipal Joaquim Martins, está situada no Córrego Feio, comunidade pertencente a Patrocínio- MG, telefone (34)99940-77 65. A escola possui em sua estrutura, 7 salas de aulas, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, quadra de esportes descoberta, cozinha, biblioteca, banheiro, sala de secretaria, pátio coberto e pátio descoberto (BRASIL, 2017).

3.2.3 Participantes da pesquisa

Participaram desta pesquisa um total de 24 professoras que atuam na rede pública e na rede privada. Todas as professoras são regentes do Ensino Fundamental. Para selecionar a amostra para o presente estudo foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos no estudo professores que lecionam do 1º ano ao 5º no Ensino Fundamental e professores que aceitaram assinar o Termo Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos deste estudo professores que não atuavam do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, e professores que não aceitaram assinar o TCLE.

3.2.4 Técnica de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados utilizado na presente pesquisa foi um questionário de oito perguntas de múltipla escolha, elaborado pela própria autora e orientadora, com base no artigo da autora Pimenta (2012) (Apêndice A). A pergunta um refere-se a definição de Dislexia, contém 8 alternativas, sendo quatro corretas (Alt. 1,2,3 e 5) e quatro incorretas (Alt. 4,6,7 e 8). A pergunta dois refere-se a problemas sociais, contém duas alternativas, uma correta (Alt. Sim) e outra incorreta (Alt. Não). A pergunta de número três refere-se ao potencial do aluno com Dislexia, contém duas perguntas, sendo uma correta (Alt. Sim) e outra incorreta (Alt. Não). A pergunta de número quatro refere-se a etiologia da Dislexia, contém oito alternativas, sendo uma correta (Alt. 1) e sete incorreta (Alt. 2,3,4,5,6,7 e 8). A pergunta de número cinco refere-se a evolução das crianças com Dislexia, sendo subdivida em 5a e 5b. A 5a contém duas alternativas sendo uma correta (Alt. Sim) e outra incorreta (Alt. Não), se o professor optasse pela alternativa “sim”, deveria responder a pergunta 5b que contém cinco alternativas, sendo

duas corretas (Alt. 1 e 4) e três incorretas (Alt. 2, 3 e 5). A pergunta de número seis refere-se a encaminhamentos realizados pelos professores, contém cinco alternativas, sendo quatro corretas (Alt. 1, 2, 3 e 4) e uma incorreta (Alt. 5). A pergunta de número sete refere-se as práticas adotadas pelos professores, contém duas alternativas, sendo uma correta (Alt. Sim) e a outra incorreta (Alt. Não). A pergunta de número oito refere-se as características da Dislexia, contém nove alternativas, sendo quatro corretas (Alt. 1, 3, 4 e 7) e cinco incorretas (Alt. 2, 5, 6, 8 e 9).

Após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (COEP), iniciou-se a pesquisa. Foi agendado um horário de disponibilidade comum entre os participantes da pesquisa em cada uma das escolas, nestas ocasiões a pesquisadora esclareceu os objetivos, a finalidade da pesquisa, e quaisquer outras eventuais dúvidas. Cada participante individualmente efetuou a assinatura do TCLE, bem como o preenchimento do questionário, sendo vedado a consulta ao meio literário.

3.2.5 Procedimento de análise dos dados

A análise de dados foi realizada com o *software Statistica 13.0*. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e inferencial. Para as análises estatísticas inferenciais adotou-se um nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

A variável idade é uma variável quantitativa discreta. Todas as demais variáveis analisadas são qualitativas nominais. A análise descritiva da variável quantitativa foi realizada por média, desvio padrão, mediada, primeiro quartil, terceiro quartil, mínimo e máximo. Para as variáveis qualitativas nominais a análise descritiva foi realizada por frequência relativa e porcentagem.

Para a estatística inferencial, a normalidade da variável quantitativas foi analisada por meio do teste Shapiro Wilk e obteve distribuição não-normal. Dessa forma, a comparação dessa variável entre as escolas (grupos independentes) foi realizada com o Teste Kruskal-Wallis.

Para comparar as escolas (grupos independentes) quanto as variáveis qualitativas, utilizou-se o teste Qui-Quadrado de Pearson. Já para comparar a proporção das categorias de resposta para cada escola utilizou-se o Teste de Igualdade de Duas Proporções, tomando como referência a categoria de maior proporção.

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra do presente estudo foi composta por 24 professores do Ensino Fundamental e atuantes da cidade de Patrocínio-MG. Com idades entre 22 e 55 anos e média de $34,42 \pm 7,92$ (TAB. 1).

Tabela 1 – Análise descritiva da variável idade

	Média	n	Mínimo	Máximo	DP	1Q	Mediana	3Q
Idade	34,42	24	22,00	55,00	7,92	29,50	32,50	37,50

Análise descritiva.

Legenda: n=número; DP=desvio padrão; 1Q=primeiro quartil; 3Q=terceiro quartil.

Fonte: Dados da pesquisa.

A TAB. 2 mostra que houve unanimidade de professores do sexo feminino nos três grupos G1-PR-UR (n=10) (p=0,010) rede privada (urbana), G2-PU-UR (n=7) (p=0,029) rede pública (urbana) e G3-PU-RU) (n=7) (p=0,029) rede pública, (rural). Não houve diferença na proporção das categorias das variáveis formação e tempo de serviço para nenhuma escola analisada.

Quanto a formação, as docentes que participaram da pesquisa foram: seis apenas com Magistério, duas com Magistério e graduadas em Pedagogia, uma graduada em Letras, 11 graduadas em Pedagogia, quatro graduadas em Pedagogia que cursaram também Pós-Graduação (TAB. 2). Não houve diferença significativa na proporção de professores com cada nível de formação em cada uma das escolas.

A maioria das docentes possuíam entre cinco e dez anos de atuação (TAB. 2). Porém, apesar da análise descritiva mostrar que no G1-PR-UR não havia professores com atuação entre dez e 20 anos. Não houve diferença significativa quando comparado às outras escolas.

Tabela 2 – Análise da proporção das variáveis sexo, formação e tempo de serviço, por escola

(continua)

Variáveis	Categorias	G1-PR-UR			G2-PU-UR			G3-PU-RU)		
		N	%	p-valor	N	%	p-valor	N	%	p-valor
Sexo	Masculino	0	0	0,010*	0	0	0,029*	0	0	0,029*
	Feminino	10	100,00	Ref.	7	100,00	Ref.	7	100,00	Ref.
Formação	Magistério	5	50,00%	Ref.	0	0,00%	0,246	1	14,29%	0,374
	Graduação em Pedagogia	3	30,00%	0,599	4	57,14%	Ref.	4	57,14%	Ref.

Formação	Graduação em Pedagogia e Pós-Graduação	2	20,00%	0,499	1	14,29%	0,374	1	14,29%	0,374
	Magistério e Graduação em Pedagogia	0	0,00%	0,267	1	14,29%	0,374	1	14,29%	0,374
	Graduação em Letras	0	0,00%	0,267	1	14,29%	0,374	0	0,00%	0,246
Tempo de serviço	Menos de 3 anos	3	30,00%	0,274	2	28,57%	0,765	1	14,29%	0,374
	Entre 5 e 10 anos	7	70,00%	Ref.	3	42,86%	Ref.	2	28,57%	0,545
	Entre 10 a 20 anos	0	0,00%	0,123	2	28,57%	0,765	4	57,14%	Ref.

*p<0,05 – Teste de Igualdade de Duas Proporções.

Legenda: n=número (frequência relativa); %=porcentagem; Ref.=proporção de referência para comparação; G1-PR-UR = rede privada (urbana); G2-PU-UR = rede pública (urbana); G3-PU-RU = rede pública (rural).

Fonte: Dados da pesquisa.

A faixa etária dos professores da rede privada G1-PR-UR variou entre 22 e 40 anos de idade, com média de $30,30 \pm 5,06$, sendo considerada significativamente menor a dos professores de rede pública na zona urbana G2-PU-UR, que variou entre 29 e 41 anos de idade, com média de $33,57 \pm 4,24$ e da rede pública na zona rural G3-PU-RU), que variou entre 28 e 55 anos de idade, com média de $41,14 \pm 10,12$ (TAB. 3).

Tabela 3 – Análise da comparação da variável idade entre as escolas

Escola	Média	N	Mínimo	Máximo	DP	1Q	Mediana	3Q	p-valor	Comparações múltiplas
G1-PR-UR	30,30	10	22,00	40,00	5,06	27,00	31,00	32,00	0,039*	G1-PR-UR<G3-PU-RU)
G2-PU-UR	33,57	7	29,00	41,00	4,24	30,00	33,00	37,00		
G3-PU-RU	41,14	7	28,00	55,00	10,12	36,00	38,00	55,00		

*p<0,05 – Teste de Kruskal-Wallis.

Legenda: n=número; DP=desvio padrão; 1Q=primeiro quartil; 3Q=terceiro quartil; G1-PR-UR = rede privada (urbana); G2-PU-UR = rede pública (urbana); G3-PU-RU = rede pública (rural). **Fonte:** Dados da pesquisa.

Na análise da pergunta de número um que se relaciona a definição de Dislexia, todos os grupos apresentaram maior concentração de respostas parcialmente corretas com relação à definição de Dislexia. Não houve diferença significativa entre os resultados de uma escola para outra escola. Portanto todos os grupos apresentam um conhecimento superficial e com falhas sobre o tema e não houve discrepância de conhecimento de um grupo sobre o outro (Gráfico 1).

Observou-se que as respostas mais frequentes para caracterizar a Dislexia foram: a alternativa um para os G1-PR-UR e G3-PU-RU, e a segunda alternativa para o G2-PU-UR. A alternativa um correspondia à uma dificuldade persistente de aprendizagem de leitura e escrita e, a dois, à um distúrbio na aquisição e automatização da leitura e da escrita, ambas opções encontram-se corretas. Porém, por se tratar de um questionário de múltipla escolha com mais de uma possibilidade de marcação, as professoras apontaram além destas, alternativas erradas (tópicos quatro e oito) as quais se referiam à Dislexia como um problema causado por uma lesão neurológica, afirmando que a mesma possui como características comportamentais a falta de atenção e querer, além do déficit de inteligência. Isso indica falta de conhecimento das educadoras em relação a definição da Dislexia. O que pode ser explicado pelo fato de que, no curso de graduação em pedagogia conteúdos relacionados as dificuldades e distúrbios de aprendizagem não são abordados de forma a capacitar o professor a lidar com tais situações no exercício de sua profissão Santos (2014). O presente estudo realizado com as professoras corrobora parcialmente com o estudo de Pereira et al. (2011) ao se tratar da falta de unanimidade de acertos referentes a definição da Dislexia. O estudo de referência para comparação apontou que quando questionado aos professores sobre a definição de Dislexia, 50% afirmaram se tratar de um comprometimento específico e significativo do desenvolvimento das habilidades da leitura, 35% o referiram como um distúrbio associado á produção de fonemas; e cerca de 15%, o associaram a um problema de memória como um déficit cognitivo. Apesar dos seus questionamentos não serem exatamente os mesmos ao presente estudo, o trabalho de Pereira et al. (2011) tem conteúdo de pesquisa semelhante, por se tratar levantar a definição de Dislexia junto aos professores e também pela condição de respostas parcialmente correta por parte dos pesquisados.

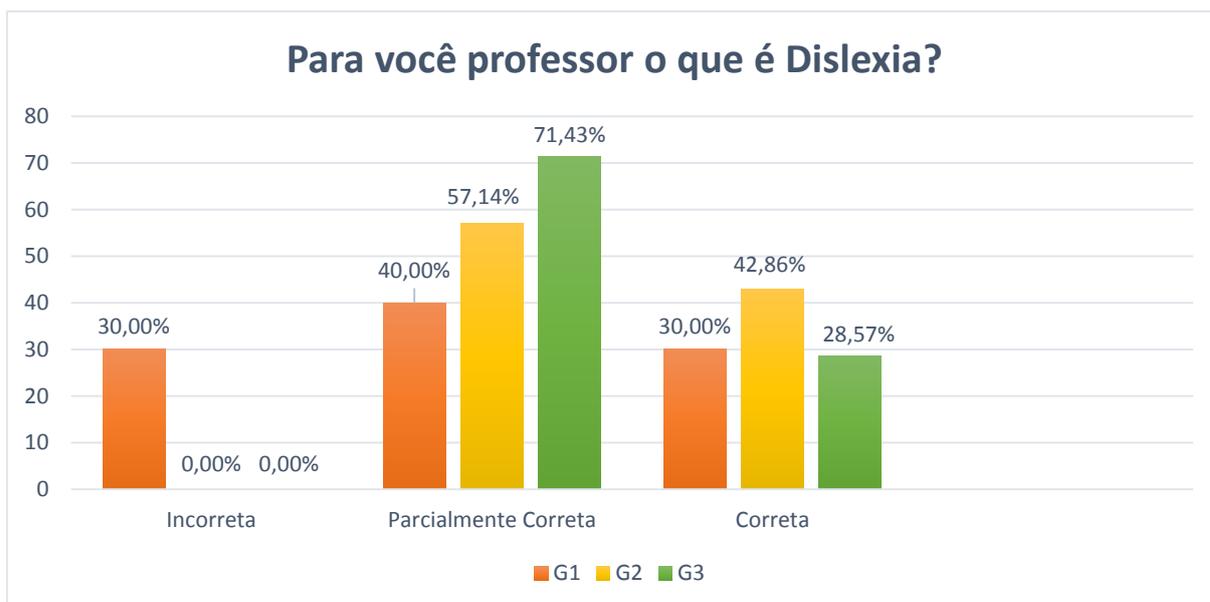


Gráfico 1 – Para você professor o que é Dislexia?

Fonte: Dados da pesquisa.

Na questão dois, a qual se relaciona a presença de problemas emocionais e sociais no aluno com Dislexia, os grupos G1-PR-UR e G2-PU-UR obtiveram 100% de acertos enquanto no G3-PU-RU 85,71% responderam corretamente. Tais resultados comprovam que todos os grupos envolvidos na pesquisa são semelhantes em considerar os possíveis comprometimentos sociais e emocionais que a Dislexia promove na vida do sujeito. Tais dados confirmam os achados da monografia de Santos (2014) e os estudos de Costa et al. (2013), nos quais, a maioria dos docentes mostraram conhecer que a Dislexia pode causar problemas sociais, familiares e emocionais (TAB. 4).

Na análise da pergunta três, relacionada ao potencial do aluno com Dislexia, os grupos G1-PR-UR e G3-PU-RU apresentaram 100% de acertos, enquanto o G2-PU-UR obtiveram 85,71% de respostas corretas. Deste modo, pode-se constatar que os educadores conhecem e reconhecem que alunos disléxicos podem desenvolver potenciais em diferentes áreas do conhecimento. Esses dados corroboram com os achados de Santos (2014), pelos quais pode constatar que os docentes pesquisados concordaram que discentes com Dislexia podem ser ótimos em diferentes áreas como artes, ciências e tecnologia (TAB. 4).

Tabela 4 – Análise da proporção das variáveis respostas para as perguntas dois e três

Variáveis	Categorias	G1-PR-UR			G2-PU-UR			G3-PU-RU		
		n	%	p-valor	n	%	p-valor	n	%	p-valor
Comprometimento social e emocional	Sim	10	100,00%	Ref.	7	100,00%	Ref.	6	85,71%	Ref.
	Não	0	0,00%	0,010*	0	0,00%	0,029*	1	14,29%	0,110
Outros potenciais	Sim	10	100,00%	Ref.	6	85,71%	Ref.	7	100,00%	Ref.
	Não	0	0,00%	0,010*	1	14,29%	0,110	0	0,00%	0,029*

*p<0,05 – Teste de Igualdade de Duas Proporções.

Legenda: n=número (frequência relativa); %=porcentagem; Ref.=proporção de referência para comparação; G1-PR-UR rede privada (urbana); G2-PU-UR rede pública (urbana); G3-PU-RU) rede privada (urbana); rede pública (rural); Pergunta 2 =A Dislexia também pode causar problemas emocionais, sociais e familiares; pergunta 3=Os alunos com Dislexia podem ser excelentes em diferentes áreas envolvendo tecnologia, arte, ciências, entre outras.

Fonte: Dados da pesquisa.

Na pergunta de número quatro, as entrevistadas foram questionados sobre a causa da Dislexia. Os resultados mostraram maior ocorrência de respostas incorretas por parte de todos os grupos, não havendo diferença significativa estatisticamente entre qual apresentou pior desempenho (Gráfico 2). Percebeu-se que os participantes possuem dificuldades em classificar as causas da Dislexia. Foram listados diferentes alternativas para serem assimiladas como prováveis causas e a alternativa relacionada a fatores hereditários e genéticos foi a mais apontada pelos professores, esse achado pode ser explicado pelo seguinte fato, a causa da Dislexia é multifatorial e o fator mais citado na literatura são os fatores hereditários e genéticos. Porém, outra alternativa assinalada foram os problemas neurológicos, nota-se que existe uma dificuldade em diferenciar lesão de disfunção neurológica. Este estudo corrobora com os achados de Freitas, Henrique e Gomes (2015) e Tabaquim et al. (2016) onde os entrevistados revelaram não conhecer a causa da Dislexia. Porém este estudo não corrobora com Pereira et al. (2011) já que neste estudo 98% dos pesquisados souberam identificar as causas da Dislexia. Portanto pressupõe-se que este é um conteúdo fragilizado ao conhecimento dos professores.

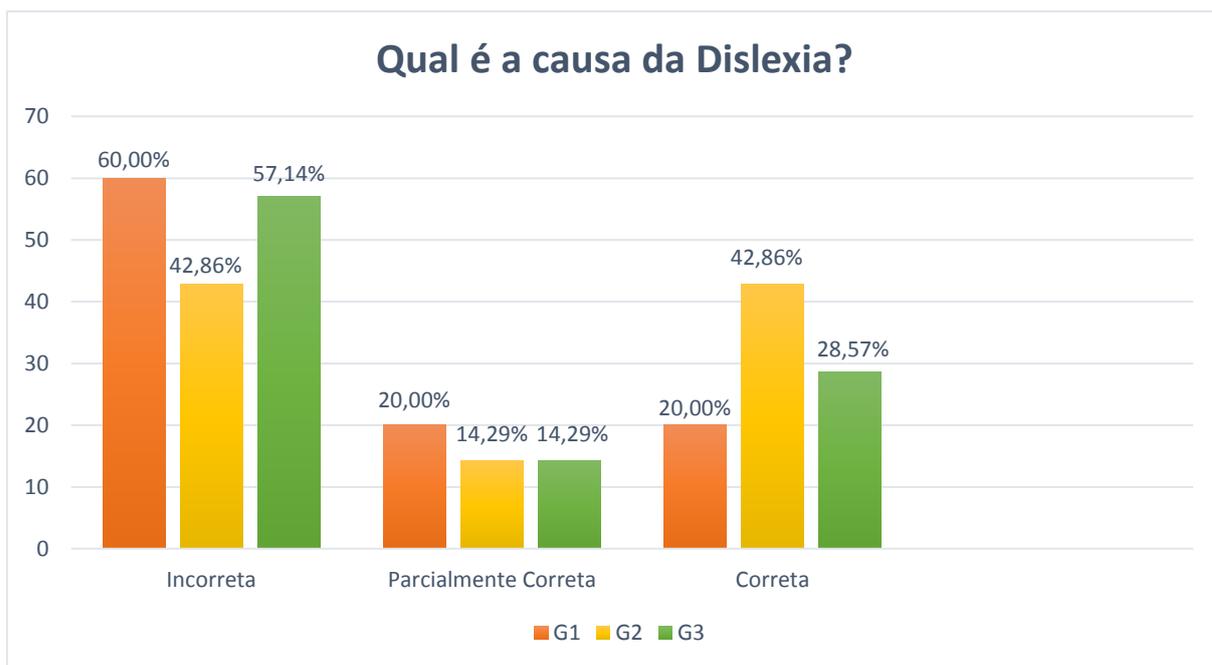


Gráfico 2 – Qual é a causa da Dislexia?

Fonte: Dados da pesquisa.

A pergunta 5a relacionava-se a evolução de aprendizado de leitura e escrita de disléxicos. Observou-se que os educadores dos três grupos responderam que há evolução de aprendizado da leitura e escrita. Portanto houve maior proporção de acertos em todas as escolas (Gráfico 3), sem diferença de percentual de acerto entre elas.

Ainda na pergunta cinco, os professores, deveriam marcar quais fatores colaboram para que esta evolução aconteça (pergunta 5b). As entrevistadas dos G1-PR-UR, G2-PU-UR e G3-PU-RU consideraram que uma equipe de tratamento multidisciplinar com Neurologista, Psicopedagogo, Fonoaudiólogo e Psicólogo e trabalhar atividades de consciência fonológica a forma mais adequada para que haja intervenção. Nesse quesito, os dados demonstram que grande parte dos educadores reconhecem que o atendimento multidisciplinar, o apoio pedagógico, métodos e práticas precisam acontecer para suprimir as necessidades do aluno com Dislexia. Por outro lado, mesmo que em minoria, ainda há professores que acreditam que estas crianças deveriam permanecer em sala reservada, com um professor exclusivo, para o aluno não dispersar, ou usar método global de alfabetização em sala de aula. Este estudo confirma com o estudo de Freitas, Henrique e Gomes (2015) onde 65% de sua amostra relatou ser necessário trabalhar atividades diferenciadas em sala de aula e equipe multidisciplinar de tratamento, para que haja evolução.

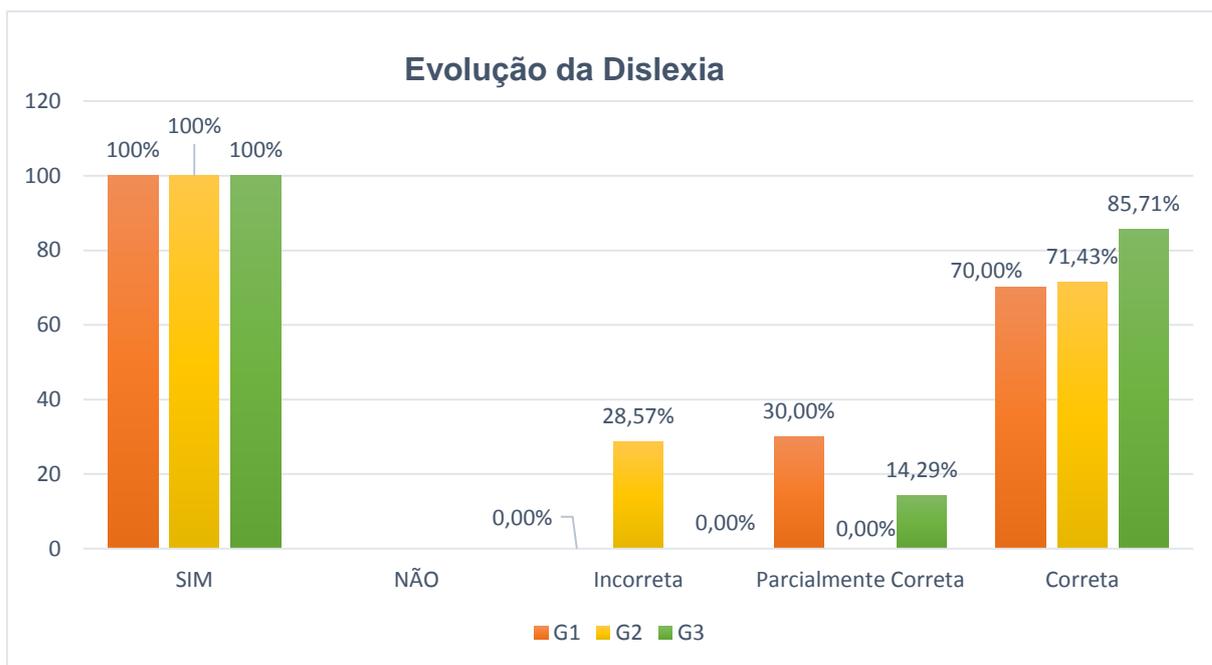


Gráfico 3 - Professor considera evolução de leitura e escrita em alunos com Dislexia? Se sim quais fatores colaboram para que essa evolução acontecesse

Fonte: Dados da pesquisa.

Na questão de número seis, as professoras foram questionadas sobre a conduta de encaminhamento nos casos em que reconhecem a dificuldade de leitura e escrita persistente de um aluno. Os três grupos responderam corretamente (TAB. 5). Como foi discutido nesta questão, ao suspeitar da dificuldade de leitura e escrita persistente do aluno, nos casos em que possa também suspeitar de que ele seja disléxico, é importante que o docente encaminhe o aluno para uma equipe multidisciplinar, pois, esta equipe será fundamental para se chegar a um diagnóstico correto e uma intervenção precoce. Este estudo vai de encontro com a pesquisa de Pimenta (2012) e Pereira et al. (2011) no qual se pode observar que as educadoras, em caso de suspeita de que o aluno seja disléxico, o encaminha para uma equipe multidisciplinar.

Apesar dos docentes encaminharem estes alunos para um diagnóstico, a avaliação assim como o acompanhamento especializado ainda são realidades não consolidadas. De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), a incidência de disléxicos na população mundial é de 5% e 17%, porém a realização de uma avaliação para confirmação ou exclusão do distúrbio ainda é uma barreira, pois, para ter o diagnóstico, é preciso que a criança passe por uma equipe multiprofissional de saúde, serviço este pouco disponibilizado gratuitamente.

Na pergunta de número sete, as professoras foram questionadas sobre adoção de práticas diárias de ensino em sala de aula no auxílio do processo de aprendizagem de crianças com Dislexia ou com outra dificuldade de aprendizagem. Observou-se que apenas um professor

respondeu que não realiza práticas diferenciadas (TAB. 5), cuja escola em que atua corresponde ao G3-PU-RU. Dessa forma, observa-se que houve similaridade significativa entre os G1-PR-UR, G2-PU-UR e G3 quanto às respostas afirmativas neste aspecto. Estes achados confirmam os de Freitas, Henrique e Gomes (2015), no qual, os docentes foram questionados sobre possibilidades de adotar práticas diferenciadas com os alunos disléxicos e com dificuldades de aprendizagem. Verificou-se que 80% dos docentes responderam que costumam mudar seus métodos para atender as necessidades dos alunos, 15% responderam que não adotam práticas diferenciadas, sendo essas trabalhar consciência fonológica e atividades de leitura lexical e fonológica e 5% apenas responderam que o aluno deve se adequar aos seus métodos. Diante desta perspectiva Pereira et al. (2011) afirma que, se os professores adotarem práticas e se adaptarem as necessidades dos alunos, vão evitar que esses alunos sejam fracassados, sem oportunidade de aprender e esperança de evolução.

Tabela 5 – Análise da proporção das variáveis respostas para as perguntas seis e sete por escola

Variáveis	Categorias		G1-PR-UR	G2-PU-UR	G3-PU-RU	p-valor
Encaminhamento	Parcialmente correta	n	0	0	0	1,000
		%	0,00%	0,00%	0,00%	
	Correta	n	10	7	7	
		%	100,00%	100,00%	100,00%	
	Incorreta	n	0	0	0	
		%	0,00%	0,00%	0,00%	
Práticas diferenciadas	Sim	n	10	7	6	0,281
		%	100,00%	100,00%	85,71%	
	Não	n	0	0	1	
		%	0,00%	0,00%	14,29%	

*p<0,05 – Teste Qui-Quadrado de Pearson.

Legenda: n=número (frequência relativa); %=porcentagem; G1-PR-UR rede privada (urbana); G2-PU-UR rede pública (urbana); G3-PU-RU) rede privada (urbana); rede pública (rural); 6=Você como professor quando reconhece a dificuldade de leitura e escrita de um aluno o encaminha para quem; pergunta 7=De acordo com sua prática diária em sala de aula, você professor adota práticas de ensino diferenciadas para auxiliar o processo de aprendizagem de crianças com Dislexia ou com outro problema de aprendizagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

Na pergunta oito, que é a última pergunta (Gráfico 4), as professoras foram questionadas sobre as características de risco para Dislexia em alunos em idade pré-escolar. No G1-PR-UR, as respostas variaram entre incorreta, parcialmente correta e correta. No G2-PU-UR,

predominou respostas incorretas, seguindo por parcialmente correta e correta. No G3-PU-RU, as repostas variaram entre parcialmente correta e correta seguindo por incorreta (Gráfico 4), porém, sem diferença estaticamente significativa na comparação entre as escolas. Como visto as professoras apresentam conhecimento inconsistente para caracterizar fatores de risco em crianças com idade pré-escolar, esta falha foi observada com maior frequência nas professoras do G2-PU-UR.

Os itens que foram marcados de forma inadequada pelas professoras se referiram a Dislexia como proveniente de problemas na acuidade visual (duas professoras de cada grupo – G1-PR-UR e G2-PU-UR) e hiperatividade (professoras: duas do G1-PR-UR; uma do G2-PU-UR; e três do G3-PU-RU).

Esse achado pode ser justificado pelo fato de que, os professores encontraram dificuldades para definir, caracterizar e referenciar as consequências que a Dislexia ocasiona no desenvolvimento escolar, por se tratar de definições mais complexas e dependentes do entendimento correto acerca da descrição da patologia Rodrigues e Ciasca (2016). Este estudo não corrobora com os achados de Pereira et al. (2011) e Freitas, Henrique e Gomes (2015) onde foi possível verificar que as entrevistadas souberam identificar as características da Dislexia.

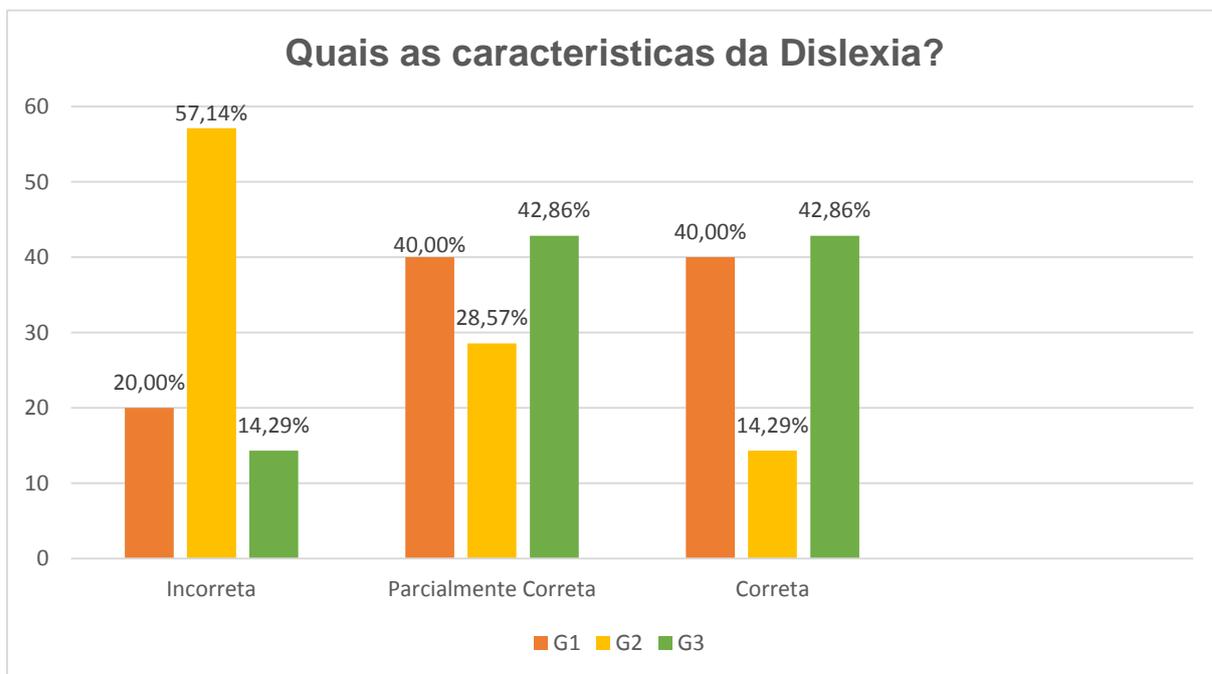


Gráfico 4 – Quais as características da Dislexia?

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 6 - Análise descritiva das categorias de resposta para a pergunta oito do questionário sobre Dislexia

Categorias		G1-PR-UR	G2-PU-UR	G3-PU-RU)
Dificuldade na aquisição e desenvolvimento das habilidades	n	7	2	4
linguísticas	%	25,00%	13,33%	23,53%
Reconhecimento pobre de rima e aliteração	n	3	2	1
	%	10,71%	13,33%	5,88%
Dificuldade com análise e síntese do som de uma palavra	n	5	2	4
	%	17,86%	13,33%	23,53%
Dificuldades de ler, soletrar e escrever	n	6	3	4
	%	21,43%	20,00%	23,53%
Hiperatividade	n	2	1	3
	%	7,14%	6,67%	17,65%
Problemas visuais	n	2	2	0
	%	7,14%	13,33%	0,00%
Todas	n	2	1	1
	%	7,14%	6,67%	5,88%
Problemas auditivos	n	1	1	0
	%	3,57%	6,67%	0,00%
Falta de estimulação	n	0	1	0
	%	0,00%	6,67%	0,00%

Análise descritiva.

Legenda: n=número (frequência relativa); %=porcentagem; G1-PR-UR=rede privada (urbana); G2-PU-UR=rede pública (urbana); G3-PU-RU=rede pública (rural); Pergunta 8=Você professor conhece alguma característica de risco para Dislexia em crianças de idade pré-escolar.

Fonte: Dados da pesquisa.

3.4 CONCLUSÃO

Neste estudo foi possível observar que houve maior proporção de respostas corretas para as escolas G1-PR-UR e G2-PU-UR, mas que apesar disso, essa proporção não foi suficiente para apontar diferenças estatisticamente significantes de conhecimento entre as escolas, que mostraram de modo geral conhecimentos e dificuldades semelhantes.

Salienta-se como aspecto positivo a capacidade dos professores das três escolas em realizar encaminhamentos de alunos nos casos de dificuldades persistentes de leitura e escrita.

Em síntese pode-se afirmar que os entrevistados desta pesquisa tiveram dúvidas a respeito do tema. Ficou evidente um conhecimento superficial, restrito e até mesmo permeado

por falhas a respeito da definição, das causas e características da Dislexia. Porém as educadoras reconhecem que esses alunos podem ser excelentes em outras áreas, podem ter evolução nos quadros de escrita e podem desenvolver problemas emocionais e sociais.

Diante deste contexto tornou-se duvidosa a eficiência das estratégias diferenciadas, que os professores afirmaram realizar no cotidiano escolar com alunos que possuem alterações de aprendizagem.

Alguns docentes relataram não ter vivenciado nenhuma experiência com alunos disléxicos. No entanto, os docentes se demonstraram muito interesse em buscar informações sobre o tema.

Os docentes precisam realizar capacitações para entender e diferenciar dificuldades de distúrbios de aprendizagem e cabe ao Fonoaudiólogo Educacional estar presente junto a equipe de apoio para fortalecer o assessoramento aos professores e oferecer melhores condições no processo de ensino e aprendizado desses alunos.

3.5 REFERÊNCIAS

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil, Minas Gerais, Patrocínio**. Brasília, 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

COSTA, F. P. J. et al. Nível de conhecimento dos professores de escolas públicas e particulares sobre dislexia. In: JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 12., 2013, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2013. p. 1-3.

FREITAS, M. F.; HENRIQUE, M. C.; GOMES, A. L. A dislexia na concepção do professor do ensino fundamental. In: Congresso Nacional de Educação, 2., 2015. Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize Eventos.

MACHADO, C. A. M.; ALVES, M. J. S. Leitura, dislexia do desenvolvimento e o professor: um diálogo com Dehaene e Farrell. **Debates em Educação**, v. 7, n. 15, p. 78-102, 2015.

NASCIMENTO, S. I.; ROSAL, A. G. C.; QUEIROGA, B. A. M. Conhecimento de professores do ensino fundamental sobre dislexia. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 87-94, 2018.

PEREIRA, V. L. et al. Estudo investigativo sobre o conhecimento da dislexia em educadores de rede pública e privada dos municípios de Belo Horizonte e de Nova Lima. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v. 4, n. 6, 2011.

PIMENTA, D. C. F. G. Dislexia: um estudo sobre a percepção de professores do ensino fundamental. In: Seminário Nacional de Educação Especial, 4., 2012, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2012. p. 1-15.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PATROCÍNIO. **Informações sobre o município.** Patrocínio, 2017. Disponível em: <<https://portal.patrocinio.mg.gov.br/pm/index.php/municipio/informacoes-sobre-o-municipio>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

REDE BERLAR DE EDUCAÇÃO. **Infraestrutura e cursos.** Patrocínio, 2018. Disponível em: <<https://www.colegiobnsp.com.br/institucional/infraestrutura-cursos/>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

RODRIGUES, D. S.; CIASCA, M. S. Dislexia na escola: identificação e possibilidade de intervenção. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 33, n. 100, p. 86-97, 2016.

SANTOS, D. P. T. **Dislexia**: um estudo com professores do ensino fundamental. 2014. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SILVA, L. S. S. Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 26, n. 81, p. 470-475, 2009.

TABAQUIM, M. L. M. et al. Concepção de professores do ensino fundamental sobre a dislexia do desenvolvimento. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 97, n. 245, p. 131-146, 2016.

TELES, P. Dislexia: como identificar? Como intervir?. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, Lisboa, v. 20, n. 6, p. 713-30, 2004.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da análise estatística não verificar diferença entre o conhecimento das professoras das diferentes instituições que participaram da pesquisa e nem ausência significativa de conhecimento sobre a dislexia entre as professoras, observou-se que houveram falhas e distorções de conhecimento entre as professoras a respeito da dislexia. No entanto as professoras conhecem o potencial desses que podem ser excelentes em diferentes áreas envolvendo tecnologia, arte, ciências, entre outras é que a dislexia também pode causar problemas emocionais, sociais e familiares e podem ter evolução de leitura e escrita, porém encontra-se dificuldades para definir o que é a dislexia, a sua etiologia é quais são suas características de risco na pré-escola estas perguntas foram significativamente respondidas de forma incorreta é parcialmente correta.

5 CONCLUSÃO

Com os resultados do presente estudo foi possível observar que houve maior proporção de respostas corretas para as escolas G1-PR-UR e G2-PU-UR, mas que apesar disso, essa proporção não foi suficiente para apontar diferenças estatisticamente significantes de conhecimento entre as escolas, que mostraram de modo geral conhecimentos e dificuldades semelhantes.

Nos resultados da amostra coletada, os participantes demonstram conhecer o potencial do aluno disléxicos que podem desenvolver boas habilidades em áreas como tecnologia, artes, ciências, entre outras.

Também foi possível afirmar que os profissionais sabem que a Dislexia pode desenvolver problemas emocionais e sociais e podem ter evolução de leitura e escrita.

Contudo, tais profissionais demonstram dificuldades quanto a definição de Dislexia, a sua causa, e suas características de risco na pré-escola, estas perguntas foram significativamente respondidas de forma incorreta é parcialmente correta.

O Fonoaudiólogo educacional tem como atribuição, servir assessoria fonoaudiológica e dar suporte a equipe escolar com vista a promover condutas que proporcionem um trabalho com os alunos que apresentam algum tipo de dificuldade ressaltando a linguagem escrita. Este trabalho ressalta a importância da fonoaudiologia educacional e a necessidade da ampliação de sua inserção no ambiente escolar.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988. 168 p.

BRASIL. Lei Nº 6.965, de 9 de dezembro de 1981. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Fonoaudiólogo, e determina outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 10 dez. 1981.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei Nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 10 jan. 2001.

BNCC. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 17/12/2018.

BRASIL. Lei Nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 07 fev. 2006.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil, Minas Gerais, Patrocínio**. Brasília, 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Ampliação do ensino fundamental para nove anos: 3º relatório do programa**. Brasília: Ministério da Educação, 2009a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/9anosgeral.pdf>>. Acesso 17 mar. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos**. Brasília: Ministério da Educação, 2009b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ensino-fundamental-de-nove-anos/legislacao>>. Acesso 17 mar. 2018.

BRASIL. Resolução CFFa nº 387/2010. Dispõe sobre as atribuições e competências do profissional especialista em Fonoaudiologia Educacional reconhecido pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia, alterar a redação do art. 1º da Resolução CFFa nº 382/2010, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 24 out. 2010.

CAMPOS, A. C. Ensino básico tem 73,5% dos alunos em escolas públicas, diz IBGE. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-12/ensino-basico-tem-735-dos-alunos-em-escolas-publicas-diz-ibge>>. Acesso em: 02 out. 2018.

COELHO, D. T. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas: Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia**. Porto: Areal Editores, 2013. 223 p.

COSTA, A. L. A. Distúrbios de Leitura e Escrita: as dificuldades na aprendizagem da leitura com pessoas disléxicas. **Biblionline**, João Pessoa, n. esp, p. 99-108, 2011.

COSTA, F. P. J. et al. Nível de conhecimento dos professores de escolas públicas e particulares sobre dislexia. In: JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 12., 2013, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2013. p. 1-3.

FRANCESCHINI, T. B. et al. Distúrbios de aprendizagem: disgrafia, dislexia e discalculia. **Educação**, Batatais, v. 5, n. 2, p. 95-118, 2015.

FREITAS, M. F.; HENRIQUE, M. C.; GOMES, A. L. A dislexia na concepção do professor do ensino fundamental. In: Congresso Nacional de Educação, 2., 2015. Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize Eventos.

FUKUDA, M. T. M.; CAPELLINI, A. S. Treinamento de habilidades fonológicas e correspondência grafema- fonema em crianças de risco para dislexia. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 227-235, 2011.

MACHADO, C. A. M.; ALVES, M. J. S. Leitura, dislexia do desenvolvimento e o professor: um diálogo com Dehaene e Farrell. **Debates em Educação**, v. 7, n. 15, p. 78-102, 2015.

MASSUCATO, M.; MAYRINK, D. E. **Grupos de apoio: um espaço de suporte à aprendizagem**. Nova Escola: São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1487/grupos-de-apoio-um-espaco-de-suporte-a-aprendizagem>> Acesso em: 17 mar. 2018.

MOURÃO, L.; ESTEVES, V. V. Ensino Fundamental: das competências para ensinar às competências para aprender. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 80, p. 497-512, 2013.

NASCIMENTO, S. I.; ROSAL, A. G. C.; QUEIROGA, B. A. M. Conhecimento de professores do ensino fundamental sobre dislexia. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 87-94, 2018.

PACIEVITCH, T. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. **InfoEscola: Navegando e Aprendendo**, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/>>. Acesso em: 02 out. 2018.

PEREIRA, V. L. et al. Estudo investigativo sobre o conhecimento da dislexia em educadores de rede pública e privada dos municípios de Belo Horizonte e de Nova Lima. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v. 4, n. 6, 2011.

PIMENTA, D. C. F. G. Dislexia: um estudo sobre a percepção de professores do ensino fundamental. In: Seminário Nacional de Educação Especial, 4., 2012, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2012. p. 1-15.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PATROCÍNIO. **Informações sobre o município.** Patrocínio, 2017. Disponível em: <<https://portal.patrocinio.mg.gov.br/pm/index.php/municipio/informacoes-sobre-o-municipio>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

REDE BERLAR DE EDUCAÇÃO. **Infraestrutura e cursos.** Patrocínio, 2018. Disponível em: <<https://www.colegiocbns.com.br/institucional/infraestrutura-cursos/>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

RODRIGUES, D. S.; CIASCA, M. S. Dislexia na escola: identificação e possibilidade de intervenção. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 33, n. 100, p. 86-97, 2016.

ROTTA, T. N.; OHLWEILER, L.; RIESGO, S. R. Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SANTOS, D. P. T. **Dislexia**: um estudo com professores do ensino fundamental. 2014. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SILVA, L. S. S. Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 26, n. 81, p. 470-475, 2009.

SIQUEIRA, O. L. C.; MONTEIRO, B. I. M. A relação entre a fonoaudiologia e a escola: reconstruindo possibilidades. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 259-267, 2006.

SISTEMA DE CONSELHOS FEDERAL E REGIONAIS DE FONOAUDIOLOGIA. **Atuação do Fonoaudiólogo Educacional**: Guia Norteador. Brasília: Agência Brasileira do ISBN, 2016. Disponível em: <<http://www.fonoaudiologia.org.br/cffa/wp-content/uploads/2013/07/guia-norteador.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

SISTEMA DE CONSELHOS FEDERAL E REGIONAIS DE FONOAUDIOLOGIA. **Contribuição do Fonoaudiólogo Educacional para seu município e escola.** Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.fonoaudiologia.org.br/cffa/wp-content/uploads/2015/04/cartilha-fono-educacional-20151.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

TABAQUIM, M. L. M. et al. Concepção de professores do ensino fundamental sobre a dislexia do desenvolvimento. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 97, n. 245, p. 131-146, 2016.

TELES, P. Dislexia: como identificar? Como intervir?. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, Lisboa, v. 20, n. 6, p. 713-30, 2004.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO AMOSTRAL

Idade: _____ Sexo: ()M ()F

Escola que atua: _____

Formação profissional: magistério superior pedagogia
licenciatura _____

Tempo de serviço: menos que 3 anos _____

Entre 5 e 10 anos _____

De 10 20 anos _____

Mais de 20 anos _____

1- Para você professor o que é a dislexia:

Alt. 1 () Dificuldade de aprendizagem de leitura e escrita

Alt. 2 () Distúrbio na aquisição e automação da leitura e da escrita;

Alt. 3 () Falta de habilidades de decodificação e soletração.

Alt. 4 () Lesão Neurológica

Alt. 5 () Disfunção neurológica

Alt. 6 () Falta de atenção e querer

Alt. 7 () Déficit de inteligência

Alt. 8 () Todas

2- A dislexia também pode causar problemas emocionais, sociais e familiares.

() Sim () Não

3- Os alunos com dislexia podem ser excelentes em diferentes áreas envolvendo tecnologia, arte, ciências, entre outras.

() Sim () Não

4- Qual e a causas da dislexia:

Alt. 1 () Fatores hereditários e genéticos

Alt. 2 () Problemas de saúde

Alt. 3 () Problemas neurológicos

Alt. 4 () Atenção

- Alt. 5 () Concentração
- Alt. 6 () Percepção
- Alt. 7 () Todas as alternativas acima
- Alt. 8 () Não sei
- 5- Você, professor, considera que uma criança com dislexia pode evoluir em sua aprendizagem de leitura e escrita?
- () Sim () Não
- Se sim, qual (quais) fatores colaboram para essa evolução:
- Alt. 1 () uma equipe de tratamento com neurologista, psicopedagogo, fonoaudiólogo e psicólogo
- Alt. 2 () professor de apoio no turno de aula
- Alt. 3 () permanecer em sala reservada com professor exclusivo para o aluno não dispersar
- Alt. 4 () realizar em sala de aula atividades de consciência fonológica
- Alt. 5 () usar método global de alfabetização
- 6- Você como professor quando reconhece a dificuldade de leitura e escrita de um aluno o encaminha para quem:
- Alt. 1 () Médico
- Alt. 2 () Neurologista
- Alt. 3 () Fonoaudiólogo
- Alt. 4 () Aula de apoio
- Alt. 5 () Não encaminha
- 7- De acordo com sua prática diária em sala de aula, você professor adota práticas de ensino diferenciadas para auxiliar o processo de aprendizagem de crianças com dislexia ou com outro problema de aprendizagem
- () Sim () Não
- 8- Você professor conhece alguma característica de risco para dislexia em crianças de idade pré- escolar:
- Alt. 1 () Dificuldade na aquisição e desenvolvimento das habilidades linguísticas
- Alt. 2 () Problemas visuais
- Alt. 3 () Reconhecimento pobre de rima e aliteração
- Alt. 4 () Dificuldade com análise e síntese do som de uma palavra
- Alt. 5 () Falta de estimulação

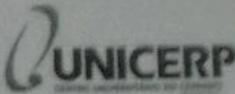
Alt. 6 () Hiperatividade

Alt. 7 () Dificuldades de ler, soletrar e escrever

Alt. 8 () Problemas auditivos

Alt. 9 () Todas

ANEXO A - Aprovação do Comitê Científico de Iniciação à Pesquisa do UNICERP



COEP – Comitê De Ética Em Pesquisa – UNICERP
Protocolo de encaminhamento de Projeto de Pesquisa para o
Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos

1. PROJETO DE PESQUISA Nº PROTOCOLO: 2018145DF01004

1.1. TÍTULO DO PROJETO
O Conhecimento dos professores sobre a dislexia.

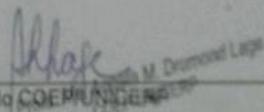
1.2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome: Soraya Pereira Cortes Almeida	
RG: 44647680-8	CPF: 081.264.176-09
Endereço: Av. Pe. Geraldo 109 Cruzeiro da Fortaleza	
Telefone: 9109-3419	Celular: 9109-3419
E-mail: soraya.pereira87@gmail.com	

1.3. INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL
Centro Universitário do Cerrado

1.4. PROJETO DE PESQUISA

Recebido no COEP/UNICERP em: 21/05/2018 Para o relator em: 06/06/2018
Parecer avaliado em reunião de: 06/07/2018
Aprovado: 06/07/2018
Diligência/pendências: / /
Não aprovado: 14/06/2018


Diretor(a) do COEP/UNICERP

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO PATROCÍNIO
Avenida Lúcia Teresinha Lassi Cabuano, 466 • Caixa Postal 99 • CEP 38747-792 • Patrocínio • MG
Telefone: (34) 3839.3737 • Site: www.unicerp.edu.br • E-mail: unicerp@unicerp.edu.br

ENTIDADE MANTENEDORA
FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA
EDUCACIONAL E CULTURAL
DO PATROCÍNIO - UNICERP

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES MAIORES DE 18 ANOS

Eu, Larissa Helena de Paula, estudante do curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, convido-o(a) a participar de pesquisa sobre o conhecimento dos professores sobre a dislexia, que tem como objetivo caracterizar o conhecimento que os professores possuem sobre a dislexia.

A sua participação é voluntária, sendo sua colaboração muito importante para o andamento da pesquisa, que consiste em responder um questionário sobre a dislexia.

Serão assegurados a você o anonimato, o sigilo das informações, a privacidade e todas as condições que lhe garantam a proteção à dignidade constitucionalmente assegurada. A utilização dos resultados da pesquisa será exclusiva para fins técnico-científicos. Os riscos na participação serão minimizados mediante a atuação do pesquisador pela atenção e zelo no desenvolvimento dos trabalhos em assegurar ambiente seguro, confortável e de privacidade, evitando desconforto e constrangimento. Por outro lado, se você concordar em participar na pesquisa estará contribuindo para o desenvolvimento da ciência nesta área. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade será assegurada e mantida em absoluto sigilo. Caso concorde em participar, em qualquer momento você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como desistir dela e não permitir a utilização de seus dados, sem prejuízo para você. Você não terá nenhum tipo de despesa e não receberá nenhuma gratificação pela participação na pesquisa.

Consentimento:

Declaro ter recebido de Larissa Helena de Paula, estudante do curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, as orientações sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização das informações que forneci somente para fins científicos, sendo que meu nome será mantido em sigilo. Aceito participar da pesquisa por meio da realização de um questionário, bem como permito a utilização dos dados originados da mesma. Estou ciente de que poderei ser exposto(a) a riscos de constrangimentos associados ao meio aceite do convite, e que poderei, a qualquer momento, interromper a minha participação, sem nenhum prejuízo pessoal. Fui informado(a) que não terei nenhum tipo de despesa nem receberei nenhum pagamento ou gratificação pela minha participação. Declaro que minhas dúvidas foram esclarecidas suficientemente e concordo em participar voluntariamente das atividades da pesquisa.

Assinatura do(a) participante(a): _____

Data: ____/____/____.



Impressão de polegar
caso não assine

Pesquisadora: Larissa Helena de Paula
Rua Doutor Hélio Furtado de Oliveira, 27 Ouro Preto

Assinatura: _____ Data: ____/____/____

Orientadora: Prof^a Esp. Soraya Pereira Cortes Almeida
Avenida Pe Geraldo, 109 Cruzeiro da Fortaleza

Assinatura: _____ Data: ____/____/____

Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP: Fone: (34) 3839-3737 ou 0800-942-3737

Av. Liria Terezinha Lassi Capuano, 466, Campus Universitário - Patrocínio – MG, CEP: 38740.000

ANEXO C - Autorização Colégio Berlar Nossa Senhora do Patrocínio



COLÉGIO BERLAAR NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO

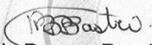
Praça Monsenhor Tiago, 403 – Centro – Telefone: (34) 3831-3150
C.N.P.J. 16.554.008/0004-82 – CEP 38.740-000 – Patrocínio – Minas Gerais
www.colegiocbnspp.com.br e-mail: diretoria@colegiocbnspp.com.br



AUTORIZAÇÃO

Autorizamos a aluna, LARISSA HELENA DE PAULA, cursando o 7º Período do Curso de Fonoaudiologia, do UNICERP, aplicar os questionários, nesta Escola, para os professores do Ensino Fundamental I, relacionados a sua monografia, com o tema: Conhecimentos dos Professores sobre a Dislexia. O professor se reserva ao direito de não querer participar desta pesquisa.

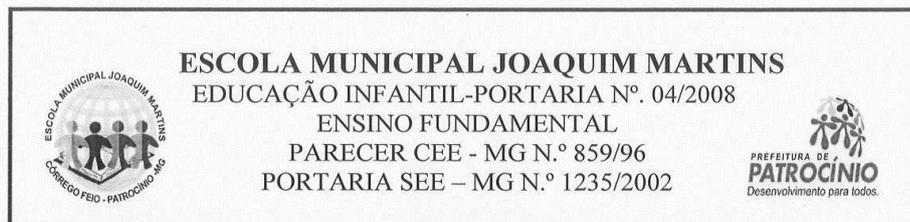
Patrocínio, 08 de maio de 2018.


Priscila Beatriz Borges Pereira Castro
Vice Diretora Educacional


Maria das Graças dos Reis
Diretora Geral

Entreguei p/Ada

ANEXO D - Autorização da Escola Municipal Joaquim Martins



AUTORIZAÇÃO

Autorizo a aluna **LARISSA HELENA DE PAULA**, do 7º Período do curso de Fonoaudiologia da Universidade UNICERP, a aplicar o questionário sobre dislexia aos professores da Escola Municipal Joaquim Martins, para conclusão do Curso com o tema “O conhecimento dos professores sobre a dislexia”.

Por ser verdade, dato e assino.

Córrego Feio, 11 de Maio de 2018.


Gabriela P. Silva Miranda
Diretora
Portaria n.º 33115/2017

ANEXO E - Autorização da Escola Municipal Dona Mulata



ESCOLA MUNICIPAL "DONA MULATA" DE 1º GRAU
Resolução 8479/98 – Portaria SEE 1233/2002



Autorização

A Escola Municipal Dona Mulata, através da Diretora Ivone dos Santos Alves, autoriza a aluna Larissa Helena de Paula, do 7º Período do Curso de Fonoaudiologia, da UNICERP, aplicar os Questionários, para os professores do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental, relacionados a sua Monografia, com o tema: Conhecimentos dos Professores sobre a Dislexia.

Ivone dos Santos Alves
Diretora
Portaria n.º 1233/2002

Ivone dos Santos Alves
Diretora

ANEXO F - Autorização da Prefeitura Municipal de Patrocínio



Prefeitura Municipal de Patrocínio



Patrocínio, 08 de maio de 2018.

Autorização

Autorizo a aluna Larissa Helena de Paula, do 7º Período do Curso de Fonoaudiologia, da UNICERP, aplicar os Questionários, para os professores do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental nas Escolas Municipais Dona Mulata e Joaquim Martins, relacionados a sua Monografia, com o tema: Conhecimentos dos Professores sobre a Dislexia.

Emerson Caixeta

Secretário Municipal de Educação